

Meu princípio é: tudo que pode existir e é compatível com outras coisas, existe.
(Principium Meum Est, Quicquid Existere Potest, Et Aliis Compatibile Est, Id Existere)
G.W.Leibniz
12 de dezembro de 1676

Não é necessário, para explicar a multidão das coisas, aumentar a pluralidade dos mundos, porque não há quantidade [numerus] de coisas que não esteja nesse único mundo e, de fato, em qualquer de suas partes.

Introduzir um outro gênero de coisas existentes e, por assim dizer, um outro mundo também infinito, é usar mal [abuti] o nome [nomine] da existência; pois não é possível afirmar se aquelas coisas existem agora ou não. Mas a existência, como a concebemos, envolve um certo tempo determinado; ou enfim, dizemos que aquela coisa existe por, certamente, a seu propósito poder ser dito em determinado momento: “Aquela coisa agora existe.”

A multidão das coisas é maior no todo do que na parte, mesmo numa multidão infinita. Não é supérfluo discutir sobre o vácuo das formas, tal que é possível mostrar que nem todas as coisas que são possíveis per se podem existir juntas com as outras. Pois, do contrário, haverá muitas absurdidades; nada podendo ser concebido que seja tão absurdo que não exista no mundo – não apenas monstros, mas também o mal e as mentes miseráveis, e também as injustiças, e não haveria razão por que Deus deveria ser denominado de bom em vez de mau e justo em vez de injusto. Poderia haver algum mundo no qual todos os bons são punidos com penalidades eternas e todos os maus seriam recompensados e expiariam crimes com felicidade.

A imortalidade da mente é imediatamente provada pelo meu método. Pois ela é possível em si mesma e é compossível com todas as outras coisas; pois ela não reduz [imminuit] o curso das coisas. Isso porque as mentes não possuem volume. Porém, meu princípio é: tudo que pode existir e é compatível com outras coisas, existe. Porque a única razão para limitar a existência, para todos os possíveis, deve ser que nem todos são compatíveis. Assim, a única razão para a limitação é que preferencialmente deveriam existir aquelas coisas que envolvem a maior quantidade de realidade.

Se todos os possíveis existissem, não haveria necessidade de uma razão para existirem e a simples possibilidade seria o suficiente. Assim, não haveria um Deus, exceto na medida em que Ele é possível. Porém, se a opinião daqueles que crêem que todos os possíveis existem for verdadeira, um Deus tal qual o reverenciado pelos devotos não seria possível.

Nos Campos Elísios, um diálogo entre Pitágoras e Descartes relativo às almas dos brutos.